



TERMINOLOGIA ACADÊMICA EM LIBRAS: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

ACADEMIC TERMINOLOGY IN LIBRAS: PATHS AND POSSIBILITIES

DOI: 10.5281/zenodo.18613527



*Josy Vitória de Sousa Macêdo*¹

*Daniela Prometi*²

*Giovana Cristina de Campos Bezerra*³

*Ananda Loiola Simões Elias*⁴

*Priscilla Fonseca Cavalcante*⁵

*Shaiane Passos Santos de Oliveira*⁶

RESUMO

Este artigo discute os caminhos e as possibilidades para a construção e o fortalecimento da terminologia acadêmica em Língua Brasileira de Sinais (Libras), compreendida como língua natural e legítima de produção científica. A partir de um referencial teórico fundamentado nos estudos da Linguística, da Terminologia e da Educação de Surdos, o texto analisa os processos de constituição terminológica, com ênfase na neologia e na variação linguística, evidenciando que a fragilidade terminológica observada em determinados campos do conhecimento decorre de fatores históricos e sociopolíticos, e não de limitações estruturais da Libras. Discute-se, ainda, o papel da autoria surda, da produção coletiva de sinais-termo e da atuação institucional das universidades na consolidação da Libras como língua acadêmica. Argumenta-se que o fortalecimento da terminologia acadêmica em Libras é condição fundamental para a autonomia linguística da comunidade surda, para a qualificação

1 Doutoranda em Linguística - Universidade de Évora, (UE). E-mail: vitoria.jm21@gmail.com.

2 Doutora em Linguística – Universidade de Brasília, (UNB). E-mail: danielaprometi@gmail.com.

3 Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Federal do Pará, (UFPA). E-mail: arlgini.campos4@gmail.com.

4 Doutoranda em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). E-mail: loiolaananda@gmail.com.

5 Doutora em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). E-mail: zipripri@hotmail.com.

6 Mestranda em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). E-mail: yanelibras@gmail.com.





da educação superior e para o reconhecimento da Libras como língua de ciência. Por fim, apontam-se perspectivas futuras relacionadas ao desenvolvimento de estudos empíricos, à elaboração de glossários acadêmicos e à implementação de políticas linguísticas mais efetivas no ensino superior.

Palavras-chave: Libras; Terminologia Acadêmica; Neologia; Variação Linguística; Educação Superior.

ABSTRACT

This article discusses the paths and possibilities for the construction and strengthening of academic terminology in Brazilian Sign Language (Libras), understood as a natural and legitimate language of scientific production. Based on a theoretical framework grounded in Linguistics, Terminology, and Deaf Education studies, the paper analyzes the processes of terminological development, with emphasis on neology and linguistic variation, demonstrating that terminological gaps observed in certain fields of knowledge result from historical and sociopolitical factors rather than from structural limitations of Libras. The role of deaf authorship, collective production of sign-terms, and institutional actions of universities in consolidating Libras as an academic language is also examined. It is argued that strengthening academic terminology in Libras is a fundamental condition for linguistic autonomy of the deaf community, for the improvement of higher education, and for the recognition of Libras as a language of science. Finally, future perspectives are suggested, including empirical studies, the development of academic glossaries, and the implementation of more effective language policies in higher education.

Keywords: Brazilian Sign Language; Academic Terminology; Neology; Linguistic Variation; Higher Education.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão da terminologia acadêmica como elemento estruturante da produção científica exige reconhecer que os termos especializados não são apenas rótulos linguísticos, mas formas de organização do conhecimento. Nesse sentido, Cabré (1999) afirma, em citação direta, que “*a terminologia constitui um conjunto de unidades lexicais que representam conceitos especializados e permitem a comunicação precisa entre especialistas*” (Cabré, 1999, p. 82). Tal definição evidencia que a ausência ou fragilidade terminológica compromete não apenas a comunicação científica, mas também a construção conceitual dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem e pesquisa.





No contexto das línguas de sinais, essa problemática adquire contornos específicos. Estudos apontam que a exclusão histórica das pessoas surdas dos espaços formais de produção científica resultou em um desenvolvimento tardio da terminologia acadêmica em Libras. De forma indireta, Quadros (2004) sustenta que a Libras, enquanto língua natural, possui plenas condições estruturais para expressar conceitos abstratos e científicos, desde que sejam garantidas condições sociais, políticas e educacionais adequadas para seu uso em contextos acadêmicos. Essa perspectiva desloca o foco do déficit linguístico para as barreiras institucionais que limitam a circulação da Libras na universidade.

A criação de sinais-termo acadêmicos em Libras demanda, portanto, um processo que ultrapassa a simples tradução lexical do português. Conforme discutido por Taub (2001), a iconicidade desempenha papel central na formação de novos sinais, funcionando como estratégia cognitiva e linguística para a representação conceitual. Essa autora argumenta que a iconicidade não deve ser compreendida como elemento simplificador, mas como recurso sofisticado de abstração visual, capaz de sustentar conceitos complexos no discurso científico em línguas de sinais (Taub, 2001).

Ao tratar da relação entre língua, poder e conhecimento, Skliar (1998) destaca que a marginalização das línguas de sinais nos espaços acadêmicos está associada a uma lógica ouvinte-centrista que hierarquiza as línguas e os modos de produção do saber. Nesse sentido, em uma citação de citação, Strobel (2009 apud Skliar, 1998) afirma que “*negar à pessoa surda o direito de produzir conhecimento em sua própria língua é também negar sua condição de sujeito epistêmico*” (Skliar, 1998, p. 45). Essa afirmação reforça a necessidade de compreender a terminologia acadêmica em Libras como instrumento de emancipação linguística e epistemológica.

A variação terminológica, frequentemente observada na Libras acadêmica, tem sido interpretada por alguns estudos como um obstáculo à padronização do discurso científico. No entanto, Battison (1978), em abordagem indireta, aponta que a variação é uma característica inerente às línguas naturais e não deve ser confundida com instabilidade ou inadequação linguística. No caso da Libras, essa variação reflete diferenças regionais, experiências





educacionais diversas e processos coletivos de negociação semântica, especialmente em áreas do conhecimento ainda em consolidação no contexto surdo.

Desse modo, os caminhos para a construção da terminologia acadêmica em Libras passam, necessariamente, pela valorização da autoria surda, pela produção colaborativa de conhecimento e pelo reconhecimento institucional da Libras como língua de ciência. Como afirma Quadros (2019), em citação direta, “*produzir ciência em Libras não é um ato de adaptação, mas de afirmação linguística e política*” (Quadros, 2019, p. 112). Essa afirmação sintetiza a compreensão de que a terminologia acadêmica em Libras constitui não apenas uma demanda linguística, mas um projeto político-pedagógico voltado à democratização do saber.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LIBRAS COMO LÍNGUA NATURAL E ACADÊMICA

A compreensão da Língua Brasileira de Sinais como língua natural e acadêmica constitui um eixo fundamental para a consolidação de práticas científicas, pedagógicas e institucionais voltadas à população surda no contexto do ensino superior. O reconhecimento da Libras enquanto língua natural fundamenta-se em pressupostos linguísticos amplamente consolidados, que a descrevem como um sistema linguístico completo, dotado de gramática própria, níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, bem como capacidade plena de expressar abstrações complexas e produzir conhecimento em diferentes domínios discursivos (Quadros; Karnopp, 2004).

As línguas de sinais são adquiridas naturalmente por crianças surdas em contextos de exposição linguística adequada, seguindo etapas de desenvolvimento comparáveis às observadas em línguas orais. Tal constatação refuta concepções equivocadas que historicamente associaram as línguas de sinais a sistemas gestuais rudimentares ou a formas de comunicação auxiliar. Estudos clássicos da Linguística das Línguas de Sinais demonstram que essas línguas possuem regras gramaticais próprias e operam segundo princípios universais





da linguagem humana (Klima; Bellugi, 1979; Sandler; Lillo-Martin, 2006). Nesse sentido, a Libras insere-se plenamente no conjunto das línguas naturais, sendo reconhecida juridicamente no Brasil e legitimada cientificamente no campo dos estudos linguísticos.

A dimensão acadêmica da Libras, por sua vez, articula-se à possibilidade de utilização da língua em contextos formais de ensino, pesquisa e produção científica. A presença da Libras no espaço universitário não se restringe à mediação comunicacional realizada por tradutores e intérpretes, mas envolve sua utilização como língua de instrução, de elaboração conceitual e de expressão do pensamento científico por sujeitos surdos. Conforme aponta Quadros (2004), de forma indireta, a consolidação da Libras como língua acadêmica depende de condições institucionais que assegurem seu uso efetivo nos processos de ensino-aprendizagem e na produção do conhecimento.

A legitimação da Libras como língua acadêmica implica reconhecer que o conhecimento não é neutro em relação à língua em que é produzido. A língua organiza o pensamento, estrutura conceitos e orienta práticas discursivas próprias de cada comunidade linguística. Assim, negar à Libras o estatuto de língua acadêmica significa limitar as possibilidades epistêmicas da comunidade surda e subordinar sua produção intelectual às línguas orais majoritárias. Skliar (1998) discute essa relação ao analisar os processos de normalização e exclusão que atravessam a educação de surdos, destacando que a hegemonia da língua oral opera como mecanismo de poder no campo educacional.

Essa perspectiva é reforçada por Strobel (2009), ao afirmar que a Libras não deve ser compreendida apenas como instrumento de acessibilidade, mas como elemento constitutivo da identidade, da cultura e da produção de conhecimento surdo. A autora enfatiza que o uso da Libras em contextos acadêmicos fortalece a autonomia linguística e intelectual dos sujeitos surdos, possibilitando a emergência de epistemologias próprias. Tal argumentação pode ser observada na seguinte:

A língua de sinais é o eixo central da experiência surda, pois é por meio dela que o sujeito surdo constrói sua identidade, organiza seu pensamento e produz conhecimento sobre o mundo. Quando a língua de sinais é excluída dos espaços acadêmicos, não se está apenas limitando a comunicação, mas negando ao sujeito





surdo a possibilidade de ser autor de saberes, de narrativas e de produções científicas legitimadas socialmente (Strobel, 2009, p. 67).

A partir dessa compreensão, torna-se evidente que a Libras, enquanto língua acadêmica, precisa ser reconhecida não apenas como meio de transmissão de conteúdos, mas como língua de produção científica. Isso implica aceitar trabalhos acadêmicos elaborados diretamente em Libras, como artigos, dissertações e teses em formato audiovisual, bem como incentivar pesquisas que utilizem a língua de sinais como objeto e como meio de investigação. Quadros e Karnopp (2004) destacam, de forma indireta, que a ampliação dos usos sociais da Libras contribui para o desenvolvimento de registros discursivos mais especializados, incluindo o registro acadêmico-científico.

No entanto, a inserção da Libras no domínio acadêmico enfrenta desafios significativos, entre os quais se destaca a necessidade de desenvolvimento e consolidação de uma terminologia especializada. A ausência histórica da Libras nos espaços de produção científica resultou em lacunas lexicais em diversas áreas do conhecimento, o que demanda processos contínuos de criação e negociação terminológica. Ainda assim, essa condição não pode ser interpretada como fragilidade linguística, mas como reflexo de um processo sociopolítico de exclusão linguística. Conforme argumenta Perlin (2007), de forma indireta, a emergência da Libras acadêmica está diretamente relacionada à ocupação dos espaços universitários por sujeitos surdos e ao reconhecimento de suas produções como legítimas.

A compreensão da Libras como língua natural e acadêmica também exige considerar sua dimensão política. O direito de produzir conhecimento em Libras está intrinsecamente ligado aos direitos linguísticos das pessoas surdas. Skutnabb-Kangas (2000) afirma, em abordagem indireta, que a negação do uso da língua materna em contextos educacionais configura uma forma de violência linguística. No caso da população surda, tal violência manifesta-se quando a Libras é restringida ao papel de apoio comunicacional, sem reconhecimento de seu potencial científico e acadêmico.

Dessa forma, afirmar a Libras como língua natural e acadêmica significa reconhecer sua legitimidade linguística, epistêmica e política. Trata-se de um movimento que desloca a





centralidade da língua oral como único meio legítimo de produção científica e abre espaço para uma universidade mais plural, acessível e linguisticamente diversa. A consolidação desse paradigma depende do fortalecimento de políticas institucionais, da valorização da autoria surda e do investimento em pesquisas que aprofundem a descrição, a sistematização e o uso da Libras em contextos acadêmicos, contribuindo para a construção de uma ciência verdadeiramente inclusiva e multilinguística (Quadros, 2019).

2.2 TERMINOLOGIA, NEOLOGIA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A discussão acerca da terminologia, da neologia e da variação linguística constitui um eixo central para a compreensão dos processos de construção e circulação do conhecimento científico, especialmente quando situada no contexto das línguas de sinais e, mais especificamente, da Língua Brasileira de Sinais. A terminologia, enquanto campo teórico e aplicado, ocupa-se do estudo dos termos especializados que representam conceitos próprios de áreas específicas do saber, desempenhando papel fundamental na organização conceitual, na precisão comunicativa e na legitimação do discurso científico (Cabré, 1999).

Do ponto de vista conceitual, a terminologia não se limita a um inventário lexical, mas envolve uma relação dinâmica entre língua, conhecimento e sociedade. Conforme aponta Cabré (1999), em citação direta, “*os termos são unidades linguísticas que veiculam conhecimento especializado e funcionam como instrumentos de representação e comunicação dos conceitos científicos*” (Cabré, 1999, p. 43). Essa definição evidencia que a ausência ou fragilidade terminológica compromete não apenas a comunicação entre especialistas, mas também a própria construção do conhecimento em determinado campo científico.

No âmbito das línguas naturais, a terminologia está intrinsecamente ligada aos processos de neologia, entendida como a criação ou ressignificação de unidades lexicais para dar conta de novos conceitos, objetos ou fenômenos. A neologia é um fenômeno inerente às línguas vivas e reflete a necessidade constante de adaptação linguística às transformações sociais, científicas e tecnológicas. Em abordagem Guilbert (1975) sustenta que a neologia





surge da tensão entre inovação conceitual e estabilidade linguística, sendo impulsionada pelas demandas comunicativas de comunidades especializadas.

Nas línguas de sinais, os processos neológicos assumem características específicas, em razão da modalidade visual-espacial e dos recursos linguísticos próprios dessas línguas. A criação de novos sinais-termo envolve estratégias como iconicidade motivada, composição de sinais já existentes, uso de classificadores e exploração do espaço discursivo. Taub (2001), ao analisar a iconicidade nas línguas de sinais, argumenta, de forma indireta, que a relação entre forma e significado desempenha papel central na construção de novos sinais, permitindo a representação visual de conceitos abstratos sem prejuízo de complexidade conceitual.

A neologia terminológica em Libras, entretanto, não ocorre de forma homogênea ou centralizada. Pelo contrário, ela se desenvolve em contextos específicos de uso, como salas de aula universitárias, grupos de pesquisa, eventos acadêmicos e produções audiovisuais científicas. Esse caráter descentralizado contribui para a emergência da variação linguística, fenômeno frequentemente observado na Libras acadêmica. A variação pode manifestar-se na coexistência de diferentes sinais para um mesmo conceito, na adaptação regional de sinais-termo ou na alternância entre sinais e explicitações discursivas.

Battison (1978), em estudo clássico sobre variação em línguas de sinais, aponta, de forma indireta, que a variação é uma característica estrutural das línguas naturais e não deve ser interpretada como desvio ou inadequação linguística. No caso da terminologia acadêmica em Libras, a variação reflete tanto a diversidade sociolinguística da comunidade surda quanto os diferentes percursos formativos e experiências acadêmicas dos usuários da língua. Assim, a coexistência de variantes terminológicas pode ser compreendida como etapa constitutiva de um campo ainda em consolidação.

Essa perspectiva contrapõe-se a visões normativas que defendem a padronização imediata da terminologia como condição para a legitimidade científica. Embora a sistematização terminológica seja desejável em determinados contextos, sua imposição precoce pode silenciar práticas linguísticas emergentes e desconsiderar a autoria coletiva da comunidade surda. Nesse sentido, Faulstich (2001) argumenta, em citação direta, que “a





terminologia deve ser descrita a partir do uso real dos falantes, e não imposta por modelos artificiais alheios à prática discursiva” (Faulstich, 2001, p. 91). Tal afirmação reforça a necessidade de abordagens descritivas e participativas no estudo da terminologia em Libras.

A relação entre terminologia e poder também se faz presente nesse debate. A legitimação de determinados termos em detrimento de outros envolve disputas simbólicas e institucionais que atravessam os espaços acadêmicos. Skliar (1998), ao analisar a educação de surdos sob uma perspectiva crítica, destaca que as línguas de sinais historicamente foram excluídas dos processos formais de produção do saber. Em uma autoria Strobel (2009 apud Skliar, 1998) afirma que *“a ausência da língua de sinais no discurso científico não é uma falha linguística, mas o resultado de uma política de silenciamento”* (Skliar, 1998, p. 52). Essa afirmação permite compreender a fragilidade terminológica não como deficiência da Libras, mas como consequência de sua marginalização histórica.

No contexto acadêmico, a variação terminológica em Libras também se relaciona à presença constante da tradução e da interpretação entre Libras e português. Muitas vezes, os sinais-termo são criados em situações de tradução simultânea, o que pode gerar soluções provisórias, explicitações longas ou adaptações contextuais. Lacerda (2014), em abordagem indireta, observa que a atuação de tradutores e intérpretes em ambientes acadêmicos contribui tanto para a difusão quanto para a transformação da terminologia em Libras, evidenciando a natureza processual e negociada desses sinais.

Dessa forma, terminologia, neologia e variação linguística constituem dimensões indissociáveis no processo de consolidação da Libras como língua acadêmica. A criação de sinais-termo, a coexistência de variantes e a negociação de sentidos são práticas que revelam a vitalidade linguística da Libras e sua capacidade de responder às demandas do discurso científico. Reconhecer esses fenômenos implica adotar uma perspectiva que valorize o uso, a autoria surda e os contextos reais de produção do conhecimento, contribuindo para o fortalecimento da Libras como língua de ciência e para a construção de uma academia linguisticamente plural e epistemologicamente inclusiva (Quadros, 2019).





2.3 CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA TERMINOLOGIA ACADÊMICA EM LIBRAS

A construção da terminologia acadêmica em Libras constitui um processo complexo, contínuo e necessariamente coletivo, que envolve dimensões linguísticas, epistemológicas, pedagógicas e políticas. Diferentemente de línguas orais majoritárias, cuja tradição acadêmica se encontra historicamente consolidada por meio de dicionários especializados, normas técnicas e comunidades científicas amplamente institucionalizadas, a Libras passa por um processo recente de inserção sistemática nos espaços de produção do conhecimento. Nesse contexto, os caminhos para a constituição de uma terminologia acadêmica em Libras não podem ser compreendidos como simples transposição lexical do português, mas como construção conceitual situada, ancorada nas especificidades da língua de sinais e na experiência acadêmica da comunidade surda.

Um primeiro caminho fundamental refere-se ao uso efetivo da Libras como língua de instrução e interação acadêmica. A terminologia não se desenvolve de forma abstrata ou prescritiva, mas emerge do uso recorrente da língua em práticas sociais específicas. Quando a Libras é utilizada em aulas universitárias, grupos de pesquisa, orientações acadêmicas, defesas de trabalhos e eventos científicos, cria-se um ambiente propício para a emergência de sinais-termo que respondem às demandas conceituais desses contextos. Conforme argumenta Cabré (1999), de forma indireta, a terminologia nasce da necessidade comunicativa dos especialistas e se consolida pelo uso reiterado em comunidades discursivas específicas.

Nesse sentido, a presença ativa de pesquisadores e estudantes surdos no ensino superior desempenha papel central. São esses sujeitos que, ao se apropriarem de conceitos científicos em Libras, produzem soluções linguísticas inovadoras, negociam sentidos e atribuem legitimidade social aos sinais-termo criados. Strobel (2013) defende, de forma indireta, que a autoria surda é condição indispensável para o desenvolvimento de uma Libras acadêmica autêntica, uma vez que a língua se constitui a partir das práticas culturais e cognitivas de seus usuários naturais.





Outro caminho relevante para a construção da terminologia acadêmica em Libras reside na produção coletiva e colaborativa de sinais-termo. Diferentemente de modelos centralizados de padronização terminológica, a Libras tem se desenvolvido a partir de processos horizontais, nos quais grupos de pesquisa, comunidades acadêmicas surdas e profissionais da área dialogam sobre conceitos, formas e usos linguísticos. Esses processos podem ocorrer em oficinas terminológicas, encontros acadêmicos sinalizados, grupos de estudo e ambientes virtuais de compartilhamento de conhecimento. Faulstich (2001) ressalta, em abordagem indireta, que a descrição terminológica deve partir do uso real e da negociação coletiva, especialmente em contextos de línguas em expansão funcional.

A atuação de tradutores e intérpretes de Libras-português também constitui um caminho relevante, ainda que deva ser analisada de forma crítica. Em ambientes acadêmicos, esses profissionais frequentemente participam da criação de sinais-termo ao lidar com conceitos ainda não lexicalizados em Libras. Contudo, quando esse processo ocorre de maneira isolada, sem a participação ativa da comunidade surda, corre-se o risco de produzir sinais pouco funcionais ou conceitualmente frágeis. Lacerda (2014), de forma indireta, observa que a mediação tradutória pode contribuir para a difusão terminológica, desde que articulada a processos coletivos de validação linguística.

Outro elemento essencial diz respeito à produção de materiais acadêmicos em Libras, tais como glossários especializados, videoartigos, dissertações e teses em formato audiovisual. Esses materiais não apenas registram os sinais-termo em uso, mas também contribuem para sua estabilização e circulação em diferentes contextos institucionais. Quadros (2019) afirma que *“a produção científica em Libras é um passo decisivo para a consolidação da língua como meio legítimo de construção e difusão do conhecimento acadêmico”* (Quadros, 2019, p. 118). A existência desses registros amplia o repertório terminológico disponível e fortalece o estatuto científico da Libras.

A variação terminológica, frequentemente observada nesse processo, deve ser compreendida como parte constitutiva da construção da terminologia acadêmica em Libras. A coexistência de diferentes sinais para um mesmo conceito reflete não apenas diferenças





regionais, mas também distintos percursos formativos e teóricos. Battison (1978) argumenta, de forma indireta, que a variação é inerente às línguas naturais e não compromete sua legitimidade, desde que haja inteligibilidade e negociação de sentidos. Assim, a busca por padronização deve ser vista como etapa posterior, decorrente da consolidação do uso, e não como ponto de partida.

No âmbito institucional, as universidades e centros de pesquisa desempenham papel estratégico ao reconhecer e incentivar a Libras como língua de pesquisa. Políticas que valorizem produções acadêmicas em Libras, que financiem projetos de glossários terminológicos e que promovam eventos científicos sinalizados contribuem diretamente para o fortalecimento da terminologia acadêmica. Skutnabb-Kangas (2000), em abordagem indireta, destaca que o reconhecimento da língua materna em contextos educacionais é condição fundamental para a justiça linguística e epistêmica.

Com o objetivo de sistematizar esses caminhos, apresentam-se a seguir dois quadros síntese.

Quadro 1 – Principais caminhos para a construção da terminologia acadêmica em Libras

Caminho	Descrição
Uso acadêmico da Libras	Utilização da Libras em aulas, pesquisas, orientações e eventos científicos, favorecendo a emergência natural de sinais-termo
Autoria surda	Participação ativa de pesquisadores e estudantes surdos na criação, uso e validação dos termos
Produção coletiva	Processos colaborativos de negociação conceitual e linguística em grupos de pesquisa e comunidades acadêmicas
Mediação tradutória	Atuação crítica de tradutores e intérpretes na difusão e criação inicial de sinais-termo
Produção científica em Libras	Elaboração de glossários, videoartigos, dissertações e teses em Libras

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Cabré (1999), Faulstich (2001), Quadros e Karnopp (2004), Strobel (2013) e Quadros (2019).

Além dos caminhos, é possível identificar agentes e espaços que atuam diretamente na consolidação da terminologia acadêmica em Libras, conforme apresentado no Quadro 2.





Quadro 2 – Agentes e espaços envolvidos na construção da terminologia acadêmica em Libras

Agentes/Espaços	Contribuições principais
Comunidade surda acadêmica	Criação, validação e uso social dos sinais-termo
Grupos de pesquisa	Sistematização conceitual e registro terminológico
Tradutores e intérpretes	Mediação linguística e difusão inicial dos termos
Universidades	Reconhecimento institucional e incentivo à produção científica em Libras
Eventos acadêmicos	Circulação, negociação e consolidação dos sinais-termo

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Battison (1978), Lacerda (2014), Skutnabb-Kangas (2000) e Quadros (2019).

Dessa forma, os caminhos para a construção da terminologia acadêmica em Libras revelam um movimento que articula prática linguística, produção científica e política linguística. Trata-se de um processo em permanente construção, que exige o reconhecimento da Libras como língua de pensamento científico e da comunidade surda como sujeito epistêmico legítimo. Ao valorizar esses caminhos, contribui-se para a consolidação de uma academia mais plural, acessível e linguisticamente comprometida com a diversidade de formas de produzir conhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo discutir os caminhos e as possibilidades para a construção e o fortalecimento da terminologia acadêmica em Língua Brasileira de Sinais, compreendendo a Libras como língua natural e legítima de produção científica. Ao longo do texto, buscou-se evidenciar que a terminologia acadêmica não se constitui apenas como um conjunto de sinais isolados, mas como um sistema linguístico-conceitual que sustenta o pensamento científico, a comunicação especializada e a autoria intelectual da comunidade surda no ensino superior.

As discussões desenvolvidas no referencial teórico permitiram compreender que a Libras possui plenas condições linguísticas para expressar conceitos abstratos, teóricos e metodológicos, sendo a fragilidade terminológica observada em determinados campos do conhecimento resultado de processos históricos de exclusão linguística e não de limitações





estruturais da língua. A análise dos conceitos de terminologia, neologia e variação linguística evidenciou que a criação de sinais-termo em Libras ocorre de forma dinâmica, situada e coletiva, envolvendo processos de negociação semântica, uso recorrente em contextos acadêmicos e participação ativa da comunidade surda.

Reforça-se, assim, a importância do fortalecimento da terminologia acadêmica em Libras como condição fundamental para a consolidação da língua no espaço universitário. A ampliação do repertório terminológico contribui para a autonomia linguística dos estudantes e pesquisadores surdos, para a qualificação dos processos de ensino-aprendizagem e para o reconhecimento da Libras como língua de ciência, e não apenas como instrumento de acessibilidade. Nesse sentido, a valorização da autoria surda e o incentivo à produção científica diretamente em Libras configuram-se como elementos centrais para a legitimação epistêmica da língua.

As implicações desse fortalecimento para a educação superior são significativas. A presença de uma terminologia acadêmica mais consolidada em Libras favorece a participação efetiva de estudantes surdos nas atividades acadêmicas, amplia as possibilidades de pesquisa em diferentes áreas do conhecimento e contribui para a construção de ambientes universitários linguisticamente mais justos e inclusivos. Para a pesquisa, esse movimento abre espaço para investigações que considerem a Libras não apenas como objeto de estudo, mas também como língua de produção e difusão do conhecimento científico.

Como perspectivas futuras, destaca-se a necessidade de realização de estudos empíricos que investiguem os processos de criação, circulação e estabilização dos sinais-termo em contextos acadêmicos específicos, bem como a análise das práticas terminológicas adotadas por diferentes comunidades surdas. Além disso, o desenvolvimento de glossários acadêmicos em Libras, construídos de forma colaborativa e fundamentados no uso real da língua, constitui uma estratégia relevante para o registro e a difusão da terminologia especializada. Por fim, ressalta-se a importância de políticas linguísticas mais efetivas no âmbito do ensino superior, que reconheçam a Libras como língua de pesquisa, incentivem





produções acadêmicas sinalizadas e promovam condições institucionais para o fortalecimento contínuo da terminologia acadêmica em Libras.

REFERÊNCIAS

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

FAULSTICH, Enilde Faulstich. **Terminologia: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2001.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

KARLOVIC, Ivani; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge: **Harvard University Press**, 1979.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Intérpretes de Libras em contextos educacionais: práticas e desafios. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 47, p. 1–20, 2014.

MARINHO, K. K. de F.; NASCIMENTO, J. F. do; SILVA, F. J. D. da. Metodologias ativas e formação inicial docente: contribuições para a educação de surdos: uma análise sobre o uso de jogos pedagógicos no ensino de Libras como L2. **Revista OWL (OWL Journal) – Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 1–23, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17353739>. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/450>. Acesso em: 10 dez. 2025.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 51–73.





QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. Libras como língua de ciência. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis: **Editora da UFSC**, 2019. p. 101–124.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. Sign language and linguistic universals. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2006.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. **Linguistic genocide in education – or worldwide diversity and human rights?** Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: sujeitos de uma cultura visual. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). Estudos Surdos I. Petrópolis: **Arara Azul**, 2013. p. 37–56.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. The linguistics of British Sign Language: an introduction. Cambridge: **Cambridge University Press**, 1999.

TAUB, Sarah. Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2001.

Recebido em: 14/01/2026

Aprovado em: 24/01/2026

Publicado em: 11/02/2026

